

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Educação e do Desporto
Paulo Renato Souza

Secretário Executivo
Luciano Oliva Patrício

Secretária de Educação Fundamental
Iara Glória Areias Prado

Diretora do Departamento de Política da Educação Fundamental
Virgínia Zélia de Azevedo Rebeis Farha

Coordenadora Geral de Apoio às Escolas Indígenas
Ivete Maria Barbosa Madeira Campos

Endereço

MEC/SEF/DPEF

Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas

Esplanada dos Ministérios, Bloco "L" Sala 615

CEP: 70.047-902 Brasília - DF

Tel.: (061) 224 9598

410 8630

Fax: (061) 321 5864

e-mail: cgaei@sef.mec.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

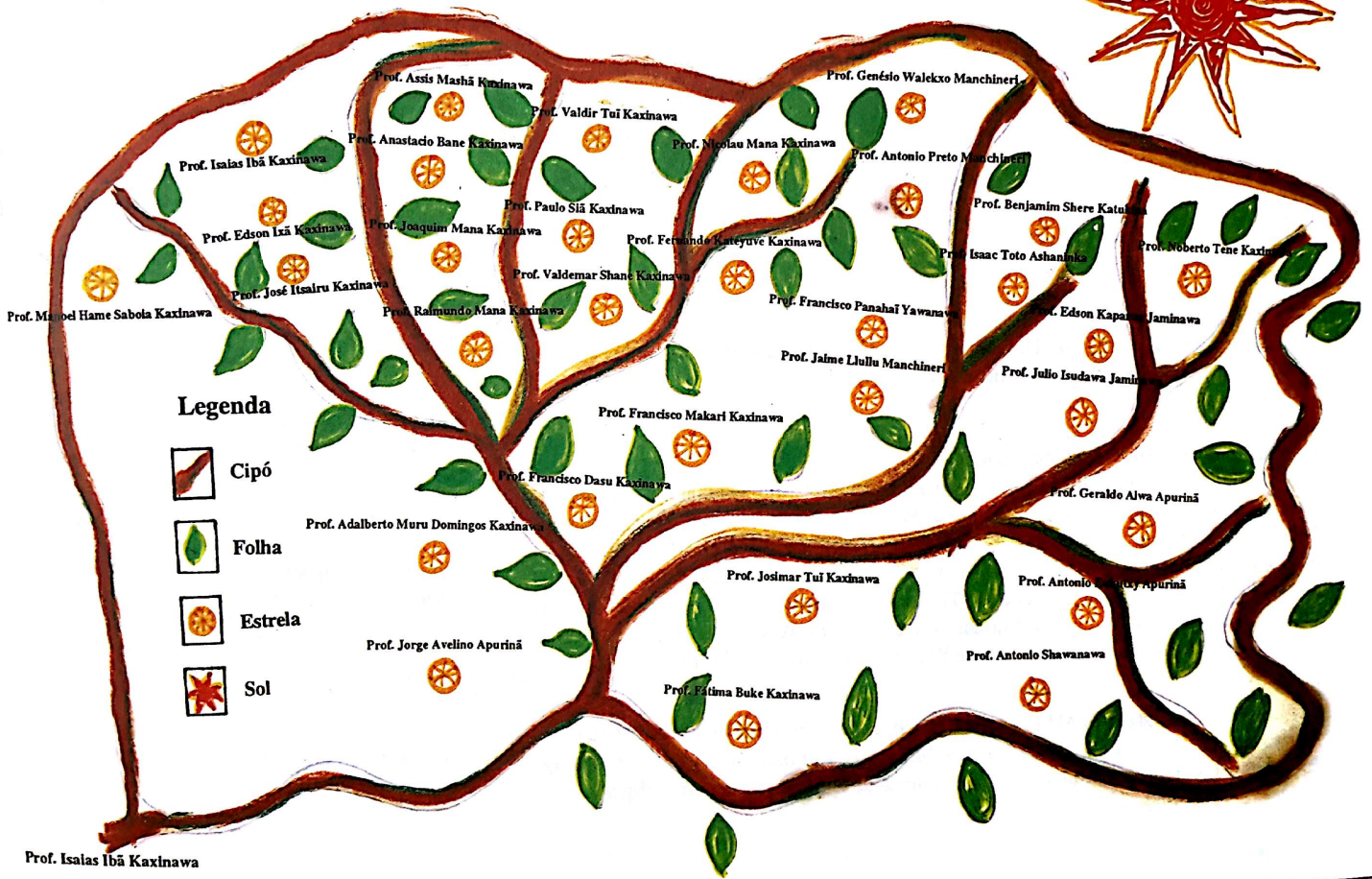
Atlas Geográfico Indígena do Acre/Levantamento/organização: Renato Antônio Gavazzi, Marcia Spyer Resende. - Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, 1998.

62p.: il.

1. Educação escolar indígena. 2. Atlas Geográfico 3. Acre. I. Gavazzi, Renato Antônio II. Resende, Marcia Spyer.

CDU 37 (=081)

Este Atlas Geográfico Indígena do Acre foi criado pelos professores indígenas:



Equipe Técnica:

Deuscreide Gonçalves Pereira, Deusalina Gomes Eirão, Célia Honório Pereira, Andréa Patrícia Barbosa de Carvalho, Cristiane de Souza Geraldo.

Comitê de Educação Escolar Indígena:

Iara Glória Areias Prado-Presidente, Susana Martelleti Grillo Guimarães, Meiriel de Abreu Sousa, Luís Donisete Benzi Grupioni, Sílvio Coelho dos Santos, Aldir Santos de Paula, Rosely Maria de Souza Lacerda, Jadir Neves da Silva, Darlene Yaminalo Taukane, Alice Oliveira Machado, Valmir Jesi Cipriano, Algemiro da Silva, Nieta Lindemberg Monte, Bruna Franchetto, Terezinha de Jesus Machado Maher, Nilmar Gavino Ruiz, Marivânia Leonor Furtado Ferreira, Júlio Wiggers, Álvaro Barros da Silveira, Gersen José dos Santos Luciano e Walderclace Batista dos Santos.

Publicação financiada pelo MEC - Ministério da Educação e do Desporto, dentro do Programa de Promoção e divulgação de Materiais Didático-pedagógicos sobre as Sociedades Indígenas, recomendada pelo Comitê de Educação Escolar Indígena.

Atlas Geográfico Indígena do Acre

2ª - Edição: 1998

**Comissão Pró-Índio do Acre CPI/AC
Setor de Educação**

Rua Pernambuco 964 - Bosque
CEP 69.907-580
Rio Branco - Acre - Brasil
Fone (068) 224 0857
Fax (068) 224 1426

Levantamento/organização:

Renato Antonio Gavazzi
Marcia Spyer Resende

Revisão:

Nietta Lindenberg Monte
Lilian Nabuco
Mauricilia da Silva Leão

Projeto gráfico e diagramação (mapas):

Renato Antonio Gavazzi

Diagramação (textos):

Lilian Nabuco
Lao Martins

Digitação dos originais:

Joaquim Luiz Tashkã Yawanawá

Capa:

José Mateus Itsairu Kaxinawá

Contra capa:

Raimundo Nonato Mana Kaxinawá

Apoios:

NRF-OD - Rainforest Foundation - Noruega

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância - Projeto Aquiri

MEC - Ministério da Educação e Desportos

Coordenadoria Geral de Apoio às Escolas Indígenas



ÍNDICE

- 5 - Apresentação
- 6 - O Acre no mundo parece um pouso de borboleta
- 7 - Acre no mundo
- 8 - Todas as estrelas que existem no universo são fêmeas, e todas elas olham o Acre
- 9 - Acre no universo
- 10 - Do tamanho de uma unha
- 11 - Acre no universo
- 12 - O governo não precisava de dinheiro para governar o seu povo
- 13 - Acre - Território tradicional indígena
- 14 - Nosso povo vivia nessas terras antes de ser Brasil
- 15 - Acre - Invasão dos territórios indígenas
- 16 - No Acre atualmente existem 27 Terras Indígenas
- 17 - Acre - Terras indígenas
- 18 - Só iremos respeitar um outro povo conhecendo o diferente
- 19 - Acre - Lingüístico
- 20 - As aldeias são formadas por grupos de pessoas que moram num mesmo lugar
- 21 - Acre - Aldeia indígena
- 22 - O Estado do Acre está dividido em 22 municípios
- 23 - Acre - Político
- 24 - A capital é o lugar onde fica o poder do Estado
- 25 - Acre - Rio Branco
- 26 - Todos os rios têm os seus nomes próprios
- 27 - Acre - Hidrografia
- 28 - No Acre não existe só um tipo de relevo
- 29 - Acre - Relevo
- 30 - As mercadorias do estado sempre são caras para o consumidor
- 31 - Acre - Transporte e comércio
- 32 - Sabemos que os animais correm risco de extinção



- 33 - Acre - Caça e pesca
- 34 - A política do governo brasileiro para os povos extrativistas da Amazônia é quase inexistente
- 35 - Acre - Extrativismo
- 36 - Os índios têm o tempo certo de plantar cada legume
- 37 - Acre - Agricultura de subsistência
- 38 - Enquanto as plantas vão crescendo, o homem vai calculando
- 39 - Acre - Agricultura comercial
- 40 - A terra está ficando fraca, o clima está sempre mudando
- 41 - Acre - Pecuária
- 42 - A Amazônia tem a maior floresta do mundo
- 43 - Acre na Amazônia
- 44 - Mudando de rumo a destruição da floresta
- 45 - Acre na Amazônia
- 46 - Pensando juntos o destino do Acre na Amazônia
- 47 - Acre na Amazônia
- 48 - A língua oficial deste país é o português, porém temos mais de 180 línguas indígenas
- 49 - Acre no Brasil
- 50 - Aqui há pouca justiça e má distribuição da renda
- 51 - Acre no Brasil
- 52 - Na América do Sul tem muita beleza
- 53 - Acre na América do Sul
- 54 - Terra e energia
- 55 - Acre na América do Sul
- 56 - Procurando novas alternativas econômicas
- 57 - Acre na América
- 58 - Existe uma discriminação muito grande
- 59 - Acre no Brasil e no mundo
- 60 - Situação das Terras Indígenas do Estado do Acre

APRESENTAÇÃO

Este Atlas Geográfico Indígena do Acre é resultado de cinco cursos de geografia ocorridos entre 1993 e 1996, ao longo do processo de formação de um grupo de professores indígenas organizado pela Comissão Pró-Índio do Acre.

É o oitavo livro didático de autoria indígena, na área de estudo de geografia. Nele se realiza, junto às demais áreas de estudo do programa, a construção progressiva dos conteúdos curriculares das escolas indígenas, a partir de uma proposta pedagógica de invenção e investigação.

A conquista da nova escola indígena e da língua escrita por estes professores, membros de povos de tradição predominantemente oral, possibilitou-lhes reinterpretar, por meio de textos e imagens, a história de sua própria geografia. "A palavra não vai mais embora com o vento". Ficam assim gravados, na frágil memória nacional, os variados e vivos testemunhos da sofrida história da ocupação dos territórios tradicionais indígenas na Amazônia Ocidental.

Todos os textos e desenhos que compõem esta publicação foram criados pelos professores em atividades didáticas durante os referidos cursos. Aqueles que

não têm o nome dos autores resultaram da montagem de textos de vários professores. Desta forma, concretiza-se uma concepção de trabalho pedagógico para a Educação Escolar Indígena a que chamamos, desde a origem do nosso projeto em 1983, "Uma Experiência de Autoria".

O Atlas apresenta, em continuidade aos demais livros didáticos já editados, parte de uma nova história da ocupação do espaço geográfico amazônico por grupos indígenas brasileiros. Sempre representados como parte do passado pelos autores de livros didáticos nacionais, os índios do Brasil são aqui os narradores de sua própria história num tempo e espaço renovadamente presentes.

Está, portanto, dedicado aos alunos das escolas da floresta. Estes, junto a seus professores e aos demais jovens da sociedade brasileira, necessitam conquistar instrumentos para uma melhor e maior participação no processo de construção do país. Um novo Brasil mais justo e democrático, necessariamente multiétnico e plurilíngüe, capaz de redirecionar o futuro da ocupação humana na Amazônia e no planeta.

Os organizadores

O ACRE NO MUNDO PARECE UM POUSO DE BORBOLETA

Muito antigamente, no tempo em que os animais da mata falavam, surgiu uma lua da cabeça de uma pessoa chamada Yube. Ele já morava há muitos anos aqui na terra e subiu ao céu para morar no espaço. Ele tem um sinal na testa, da palma de uma mão, feito de tinta de genipapo.

O mundo parece uma fruta de bacuri, bem arredondado, com um lado verde e outro lado maduro. O verde representa a noite, o lado maduro representa o dia.

O Acre no mundo parece uma mancha na fruta, ou um pouso de borboleta.

O sol parece um fogo muito quente. A quentura do sol é igual a de um facho de sernambi aceso.

As estrelas parecem um monte de vagalumes piscando, brilhando em cima do céu. As Sete Estrelas juntas são uma família. Também viveram muitos anos aqui na terra e foram embora morar no espaço.

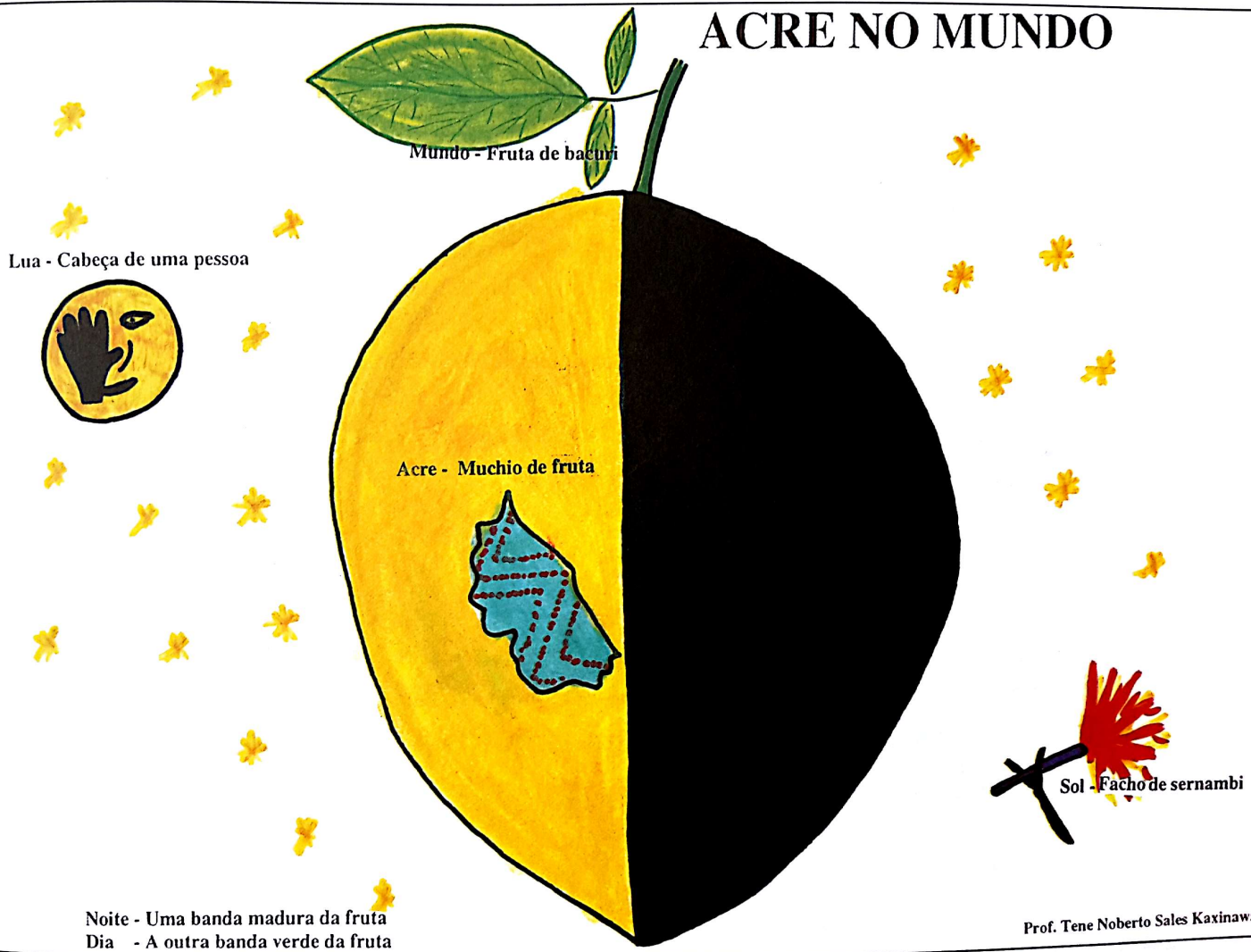
Tudo isso que escrevi, são longas histórias de um mundo muito antigo.

Noberto Tene Kaxinawá

BRUNO L. S.

BRUNO L. S.

ACRE NO MUNDO

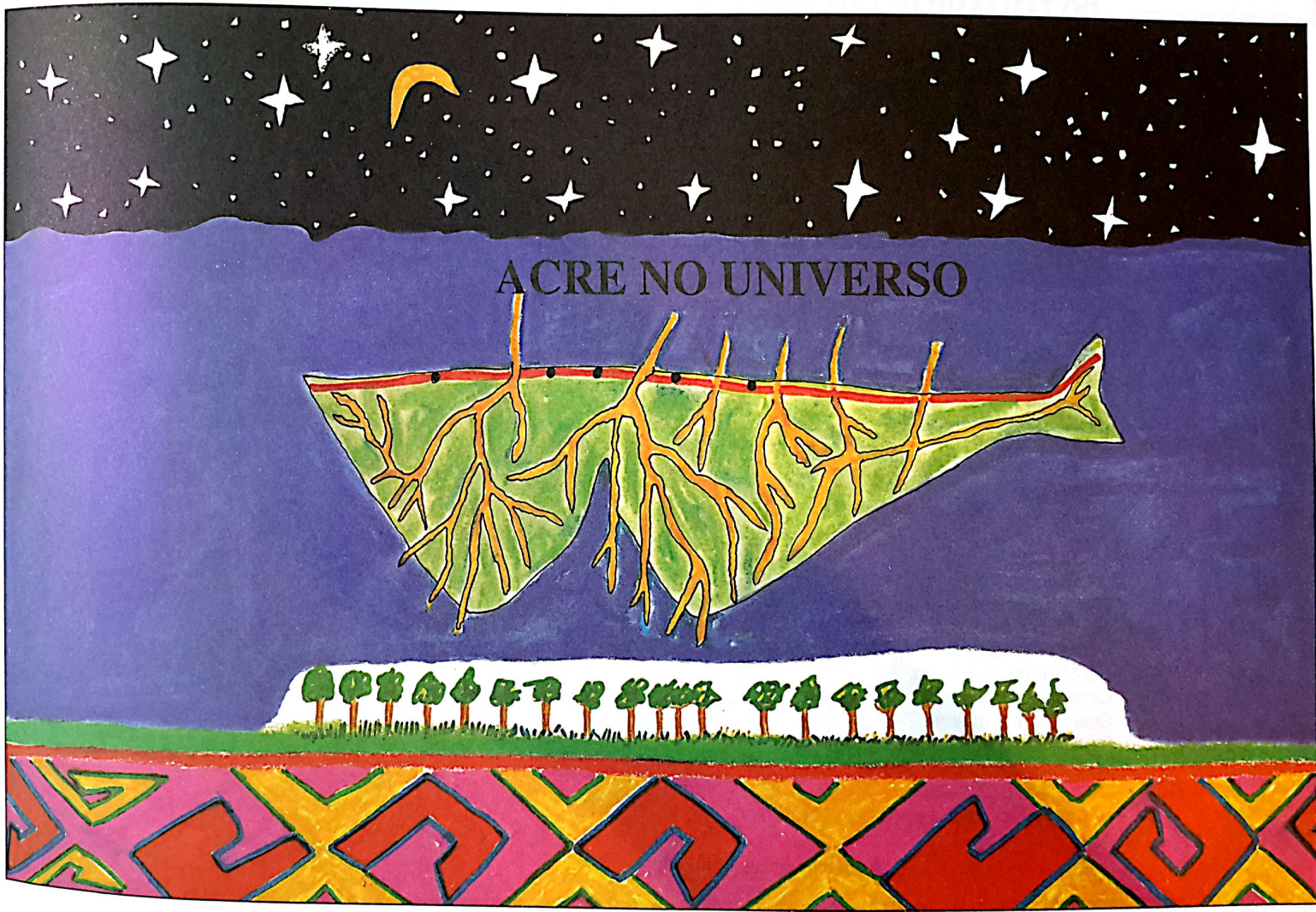


Prof. Tene Noberto Sales Kaxinawa

TODAS AS ESTRELAS QUE EXISTEM NO UNIVERSO SÃO FÊMEAS, E TODAS ELAS OLHAM O ACRE

Viajando como satélite, no mais alto do alto,
Vejo o Acre com uma cor atraente: verde, amarelo.
Todos os astros luminosos iluminam o Acre.
Da lua vejo todos os rios que no Acre tem.
Aparecem brilhantes como se fossem fogos com chamas.
A floresta do Acre parece ter cabelos compridos, lisos.
Bem bonitos e penteados pela natureza acreana.
Todas as estrelas que existem no universo são fêmeas.
E todas elas olham o Acre.

Jaime Llullu Manchineri



DO TAMANHO DE UMA UNHA

O Acre está no universo.
O ar passa por cima,
O sol bate com toda velocidade.
Fica mais quente,
Quando o sol está perto.
Começa a esfriar,
Quando o sol vai embora.
Isso a gente vê no Acre:
Quando eu olho para o céu,
Vejo a lua, o sol, as estrelas,
O ar sempre passa.
Viajando no universo
Vejo tudo que passa em minha vida.
Vejo uma lua maior do que a terra.
Vejo o sol de perto,
As estrelas mais altas do que a lua e o sol.
Estou descobrindo alguma coisa do mundo.
O vento forte passa na minha frente,
Querendo me levar.
Vejo várias estrelas diferentes no céu,
Vejo o escuro do universo.
Lá de cima,
Vejo o Estado do Acre:
Do tamanho de uma unha.
Começo a pensar:
Ali naquele verdinho,
É a floresta amazônica,
Com seus vários rios,
Que passam no Acre.
Com muita luz nos olhos,
Vejo tudo que está passando.
Com a força da floresta,
Conheço tudo o que está acontecendo no mundo.

Benjamim Shere Katukina

ACRE NO UNIVERSO

Legenda

-  Estrela
-  Sol
-  Mundo
-  Acre
-  Lua



Prof. Joaquim Mana Kaxinawa

O GOVERNO NÃO PRECISAVA DE DINHEIRO PARA GOVERNAR O SEU POVO

Desde o início das nossas gerações, as nações indígenas do Acre mantiveram a ocupação das duas bacias hidrográficas dos rios Juruá e Purus, e hoje somos aproximadamente 10 mil índios vivendo nestas terras acreanas. Ocupávamos toda a floresta para caçar, coletar as plantas medicinais e frutas. Fazíamos pequenos roçados onde plantávamos milho, banana, macaxeira e outros legumes da nossa cultura. Ocupávamos os rios, lagos e igarapés para pescar e matar jacaré. Não explorávamos as florestas, os rios, os lagos e os igarapés de maneira exagerada.

Cada nação preservava suas festas, línguas, danças, pinturas e religiões.

Ocupávamos toda a terra do Acre, sem limitação de caçada e pescaria. Tínhamos a liberdade de morar periodicamente em vários lugares, em busca de caça e pesca com mais facilidade. Assim, íamos explorando a floresta e conhecendo a terra que nos pertencia.

Cada rio, cada igarapé e cada lago tinham seus nomes próprios, dados por nós. Muitos nomes até hoje estão preservados pelas novas gerações das nações indígenas do Acre, que hoje ocupam uma pequena parte da terra ocupada pelos nossos antepassados.

Nós tínhamos governo, religião, médico e educação. Todo esse saber não era passado e nem reconhecido através da escrita. Era com a força e a liberdade que nós tínhamos da floresta, que fazíamos nossas ciências, descobrindo nossas necessidades. A medicina dada pela natureza era encontrada na floresta pelos pajés. Não precisávamos destruir a floresta como fazem hoje.

A educação era passada de pai para filho oralmente. Não precisávamos destruir a natureza para construir colégios.

O governo não precisava de dinheiro para governar o seu povo.

Nessa imensa terra, que hoje chamamos de América, tinham nações com muito poder como os Inca, Maya, Asteca, Zapoteca...

Estas nações tinham muita riqueza, como dizem os brancos, mas essas riquezas não eram para comercializar. Eram só para enfeitar as nossas culturas.

Estas nações foram as primeiras a sofrerem as perseguições da invasão européia. Hoje essas nações só deixaram aqui na terra marcas de beleza e inteligência.

Geraldo Aiwa Apurinã
Isaac Toto Ashaninka

NOSSO POVO VIVIA NESSAS TERRAS ANTES DE SER BRASIL

Nosso povo, tempos atrás, vivia nessas terras antes de ser Brasil, antes de ser Acre. Todos libertos, tranqüilos. Nossa função era só trabalhar na agricultura, na caça, na pesca, na coleta de frutas e festejar a vida.

Mas, em meados do século XIX, começou a invasão dos territórios dos povos indígenas pelos nordestinos, que vieram com o destino de extrair borracha das seringueiras nativas da região, e pelos caucheiros peruanos, que vinham para extrair o caucho.

O motivo da chegada de grande número de "nawa" era porque nossas terras eram ricas em seringa e caucho. Árvores que davam leite para fazer borracha para as primeiras fábricas de carros e de botas, nos Estados Unidos, Inglaterra e outros países que tinham o dinheiro.

Os caucheiros peruanos andavam pelas matas em busca de caucho e os nordestinos subiam os rios em busca de seringa.

Com essas duas frentes de invasão, a situação das nações indígenas piorou bastante. Quando os índios tentavam fugir de uma invasão, davam de cara com outra. Os invasores vinham a procura de seus interesses: a riqueza do caucho e da borracha.

Quando encontravam os grupos indígenas, não deixavam passar em branco: matavam ou pegavam os índios para trabalhar em seus serviços mais pesados.

Os índios não conseguiam mais permanecer em suas terras onde queriam morar: ficavam sem direção. Se os nordestinos atacavam, os índios corriam para as cabeceiras dos rios. Quando chegavam nas cabeceiras dos rios, os caucheiros peruanos atacavam e os índios corriam, corriam, para outra direção. Na história do Acre deram o nome de "correrias" a esse "corre corre" dos índios, perseguidos pelos caucheiros e nordestinos.

Os "nawa", quando encontravam as malocas, metiam logo fogo e bala para matar os caciques e os homens da aldeia, e ficavam com suas mulheres e filhos mais novos. Tudo era destruído, até os roçados eram queimados para os índios não terem o que comer. Vendo isso, as nações indígenas começaram a se revoltar contra os invasores e começaram a guerrear. E a situação complicava cada vez mais. Os índios não venciam a guerra, por haver muitos invasores com armas superiores à dos indígenas.

Por esse motivo, as nações indígenas foram se acabando e se integrando a esses invasores nordestinos e peruanos.

Quando passaram a ser dominados por eles, passaram a ser escravizados a um modo de vida muito diferente e triste.

Trabalhavam num trabalho que não sabiam: cortar seringa, tirar leite de caucho e tirar tora de aguano. Além de tudo isso, as suas mulheres e filhas eram violentadas pelos "patrões" caucheiros e seringalistas, que diziam ser o "chefe" das nações.

Com essa chefia dos "patrões", os índios, pouco a pouco, foram perdendo os seus costumes como as línguas, as pinturas, as cerâmicas, as tecelagens, os modos de tratamento familiar. Isto significava perder a identidade étnica e suas própria terras.

Daí pra frente, nós índios não tínhamos mais nenhum canto para escapar e correr. E assim aguentamos muitos anos o cativo. Esta guerra durou muito tempo.

Todo esta história foi resultado dos ideais dos "patrões" de dominarem as nações indígenas que habitavam no Acre e no Brasil.

Por isso, nesse final do século XX, ainda temos de enfrentar a figura de certos políticos com os mesmos ideais de extermínio das poucas nações indígenas que ainda tentam resistir no Brasil.

ACRE - INVASAO DOS TERRITORIOS INDIGENAS



Prof. Francisco Dasu Kayinawa

NO ACRE ATUALMENTE EXISTEM 27 TERRAS INDÍGENAS

No Acre, atualmente, existem 27 Terras Indígenas, sendo que 13 delas já se encontram demarcadas e regularizadas, 6 estão apenas delimitadas, 2 delas interditadas e 6 estão na fase de identificação.

A população indígena do estado é de aproximadamente 10 mil índios que se encontram distribuídos por quase todos os municípios do estado.

Esses índios da região se dividem em 14 línguas, formando as 14 nações indígenas do Acre e Sudoeste do Amazonas que são: Kaxinawá, Poyanawá, Yawanawá, Jaminawá, Kaxarari, Katukina, Nukini, Shawanawá, Manchineri, Jamamadi, Ashenika, Apurinã, Kulina e Shanenawá.

Hoje no Acre e Sudoeste do Amazonas existem 84 escolas indígenas com 90 professores indígenas e com cerca de 2.500 alunos matriculados. Dentro dessas escolas são ensinadas as línguas indígenas e a portuguesa, a matemática, as ciências, a geografia e a história.

Hoje o Estado do Acre já tem um proposta curricular indígena diferenciada aprovada pelo Conselho Estadual de Educação. Agora estamos trabalhando para desenvolver o currículo de nossas escolas. Além disso, os livros didáticos que nós professores índios utilizamos, são produzidos por nós mesmos, com a ajuda de nossos amigos consultores e assessores do Projeto de Educação da Comissão Pró-Índio do Acre, CPI/AC.

Cada Terra Indígena tem sua organização social e sua cultura tradicional.

Nas Terras Indígenas é proibido a entrada de pessoas estranhas, de pescadores profissionais, de garimpeiros, madeireiros, mineradores...

Hoje, quase todas as Terras Indígenas do Estado do Acre e Sudoeste do Amazonas têm suas escolas bilingües diferenciadas, seus postos de saúde, suas associações, sendo tudo isso administrado por nós índios.

Issac Toto Pianko Ashenika

SÓ IREMOS RESPEITAR UM OUTRO POVO CONHECENDO O DIFERENTE

O Acre é um estado do Brasil onde se falam 14 línguas indígenas. Essas línguas estão classificadas em três famílias linguísticas: Aruak, Arawá e Pano.

As línguas da família linguística Pano da região são: Kaxinawá, Jaminawá, Yawanawá, Shawádawá, Shanenawá, Poyanawá, Nukini, Katukina e Kaxarari.

As línguas da família Aruak são: Manchineri, Ashenika e Apurinã.

A línguas da família Arawá são: Kulina e Jamamadi.

Essas 14 línguas são faladas nas nações indígenas do Acre e Sudoeste do Amazonas. Nessas nações algumas de suas línguas têm apenas cerca de 5 falantes, como a Poyanawá, Shawádawá, Nukini; em outras apenas a metade são falantes da língua indígena, como algumas aldeias do povo Kaxinawá, Apurinã, Shanenawá.

Em outras nações toda a população fala na língua indígena, como os Ashenika, Kulina, Katukina, Manchineri, Kaxarari, Yawanawá, Jaminawá, Jamamadi e Kaxinawá. Além dessas línguas, tem também as línguas dos índios arredios, que chamamos de índio brabo. Eles vivem nas fronteiras do Brasil e Peru.

Essas nações que quase perderam suas línguas, foi devido ao contato que tiveram com os "nawa", que não respeitaram nossas culturas.

Ficavam nos forçando a deixar de falar a nossa própria língua para falar o português. Isso foi o maior erro que o Brasil cometeu contra nós, os povos indígenas.

Quando o índio fala na língua, alguns dos "nawa" ignorantes ficam mangando, falando que estamos "cortando gíria".

Nossa língua é como qualquer outra língua estrangeira. Não foi emprestada e nem inventada. Tem o mesmo valor que qualquer outra língua do planeta. Nossa língua é falada desde a origem dos povos indígenas no mundo.

Agora, tem muitos "nawa" estudiosos que já reconhecem que os índios falam e devem continuar falando nas suas próprias línguas.

Na Constituição brasileira está garantido nosso direito de falar em nossas línguas, ensinar nas escolas as nossas próprias línguas faladas e escritas e de continuar com nossos costumes e tradições.

Por isso, nós índios estamos organizando as escolas bilíngues, produzindo os livros e materiais didáticos nestas línguas, para mostrar como nossas línguas indígenas não são "gírias". São línguas dos avós, passadas para os pais, dos pais para seus filhos e futuramente para seus netos, na oralidade e na escrita.

Muitos "nawa" incompetentes acham que os povos indígenas não têm a sua própria organização e língua. Desde já, devem saber que os índios são do mesmo planeta que os "nawa". Porém temos as nossas culturas e nossas línguas diferentes.

Sendo assim, temos também uma escola diferente, uma educação diferente e só iremos respeitar um outro povo conhecendo o diferente.

Nós, professores, agora estamos lutando pela recuperação de nossas línguas e já estamos conseguindo. E ninguém mais vai destruir nosso modo de viver e de falar.

Só assim podemos mostrar o nosso talento como povos indígenas do Acre, do Brasil, e do mundo.

Joaquim Mana Kaxinawá
Isaac Toto Piyäko Ashenika

AS ALDEIAS SÃO FORMADAS POR GRUPOS DE PESSOAS QUE MORAM NUM MESMO LUGAR

No Estado do Acre existem muitas aldeias indígenas. A aldeia é comandada pela liderança da comunidade. Numa comunidade existem muitas pessoas: tio, tia, pai, mãe, avô, avó, primo, prima... No Acre, as aldeias são formadas desta maneira: quando a gente começa a morar num lugar que está gostando, nós convidamos os parentes para vir morar também ali. Lugar bom de viver e trabalhar é onde tem muita caça e muita pesca.

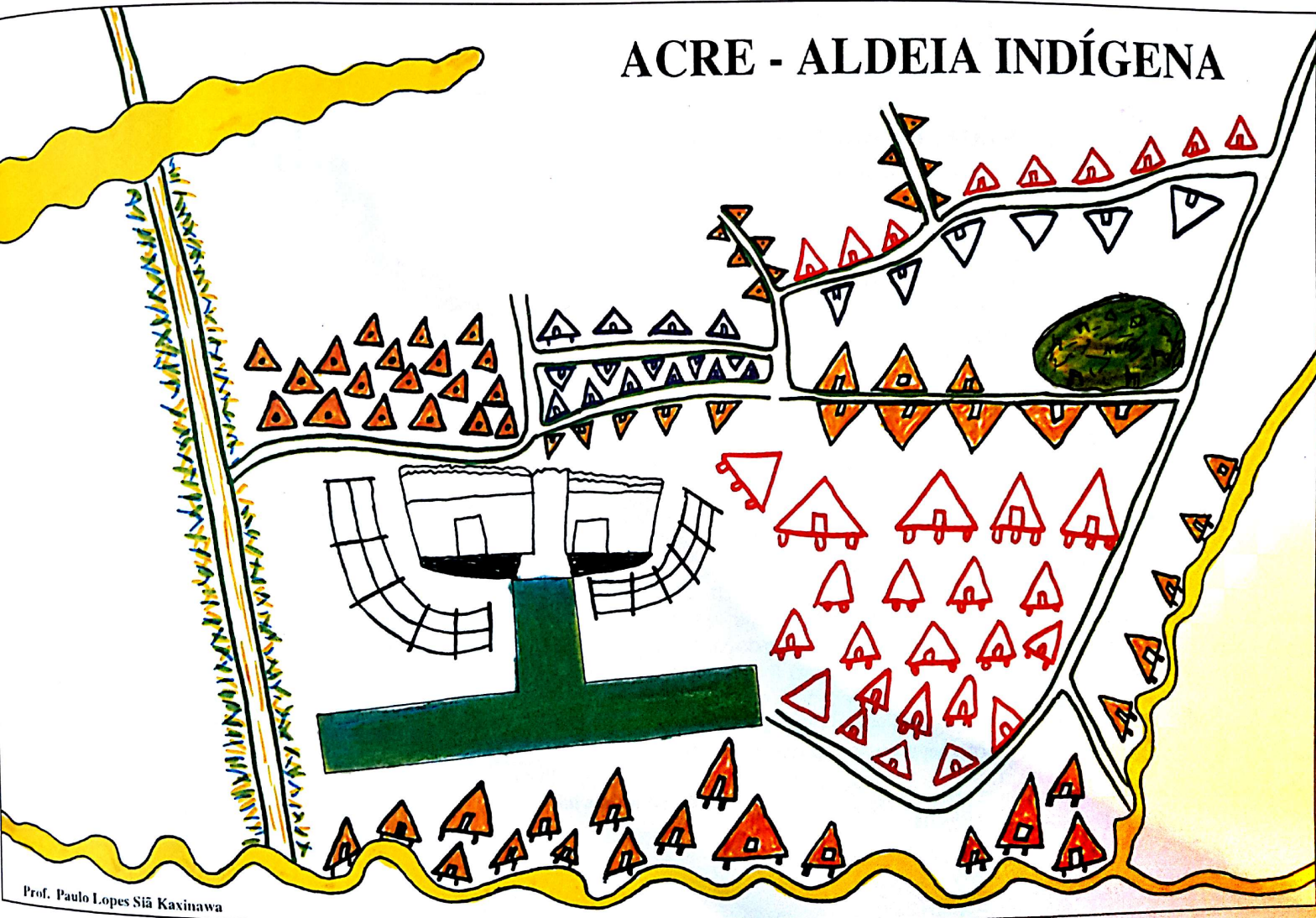
Tem muitas aldeias bem organizadas e outras que não estão bem organizadas. Tem aldeias com muitos índios e tem aldeias com poucos índios. Nas aldeias bem organizadas, já existem escolas, postos de saúde, cantinas, associação indígena, viveiros de produção de mudas, privadas, criação de animais...

Na aldeia, os índios trabalham nos roçados, nas caçadas, nas pescarias, no corte da seringa, na construção das casas, na busca de água, no preparo da comida, no tirar das lenhas e em muitos outros trabalhos. Os índios também gostam de passear nas casas dos parentes.

O índio é professor, é agente de saúde, é caçador, é pescador, é agricultor, é seringueiro.

Valdir Tui Kaxinawá

ACRE - ALDEIA INDÍGENA



Prof. Paulo Lopes Siã Kaxinawa

O ESTADO DO ACRE ESTÁ DIVIDIDO EM 22 MUNICÍPIOS

O Estado do Acre está dividido em 22 municípios que são: Tarauacá, Senador Guiomard, Feijó, Sena Madureira, Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima, Brasiléia, Xapuri, Assis Brasil, Jordão, Plácido de Castro, Rio Branco, Rodrigues Alves, Manoel Urbano, Porto Valter, Marechal Thaumaturgo, Santa Rosa, Epitaciolândia, Capixaba, Acrelândia, Bujari e Porto Acre. Estes municípios são administrados pelas prefeituras com os seus prefeitos. Os vereadores fazem as leis municipais.

Vários municípios do Acre ficam distantes da capital.

Na grande maioria dos municípios do Estado do Acre, só se chega por meio de avião, pois não há estradas em condições de se viajar. Dos municípios para as nossas terras indígenas ou para os seringais dos não índios, só se chega de barco. Dependendo da distância, as viagens de barco podem ser de oito a onze dias. Aqui no Acre, devido ao meio de transporte, tudo fica muito longe. Em outros municípios, como no caso de Xapuri, Brasiléia, Assis Brasil, Mâncio Lima, Plácido de Castro, Senador Guiomar, existe a possibilidade de chegar por meio de ônibus ou carro.

Os municípios do Acre têm a cara do Estado do Acre, pois são bastante carentes e muito mal administrados.

Geraldo Aiwá Apurinã

A CAPITAL É O LUGAR ONDE FICA O PODER DO ESTADO

Rio Branco é a capital do Estado do Acre. Por ser a capital, é o lugar onde fica o poder do estado. Lugar do governador e dos deputados estaduais. Estas lideranças é que estão com a maioria dos poderes. Eles dividem o trabalho. Uns lutam pela saúde e educação, outros pelos pobres, outros pelos patrões e empresários.

O governador é responsável pelo poder executivo.

Na capital está localizada a Assembléia Legislativa, casa onde os deputados estaduais se reúnem para discutir os problemas do estado e criar as leis. Nela também se encontram todas as secretarias do estado, como a Secretaria de Saúde, da Educação, do Planejamento...

Em Rio Branco, existem nove bancos e um comércio forte com muitas mercadorias. Nas ruas têm muitos camelôs que trazem suas mercadorias da Bolívia com preço mais baixo.

Na área da comunicação, Rio Branco conta com três jornais: Rio Branco, Gazeta e Página 20. Existem canais de rádio: Difusora, Alvorada, Capital e dois canais Fm (98 FM e 93 FM). Também tem três canais de televisão. A Teleacre é responsável pelos telefones.

Rio Branco tem um aeroporto internacional, que recebe muitas aeronaves, e uma rodoviária com várias linhas de ônibus para outros municípios e estados do Brasil.

As empresas de ônibus que circulam na cidade dominam os usuários através dos preços das passagens muito caras.

Rio Branco tem como principal rodovia a BR-364, que liga a cidade com o resto do país. Essa rodovia dá acesso aos produtos industrializados vindos de outros estados do Brasil. Esses produtos sempre são vendidos a preços altos para a população.

A população atual de Rio Branco é de aproximadamente 200.000 habitantes. Uma parte desses habitantes vive numa situação extremamente triste: sem casa, sem emprego, com salários baixos e muitas doenças, por falta de alimentos e de saneamento básico.

A capital é cortada pelo Rio Acre que faz parte da Bacia do rio Purus.

Na cidade, o Rio Acre tem duas pontes, uma de ferro, conhecida por "ponte velha" e outra de concreto, conhecida por "ponte nova".

Rio Branco não é uma cidade organizada, principalmente na periferia, onde vive a população mais carente. A maioria das ruas da cidade são precárias, muito sujas e com esgotos a céu aberto por todos os lados.

Os rios e igarapés estão todos poluídos devido aos esgotos com águas contaminadas despejados pela população urbana.

Rio Branco tem muitos bairros: Ginásio Coberto, Bahia, Palheiral, Cadeia Velha, São Francisco, Estação Experimental, Bosque, Capoeira, Tucumã, Manoel Julião, Floresta, etc. Dentro da maioria dos bairros, tem a "Associação dos Moradores", representada pelo presidente do bairro. Grande parte dos bairros tem escolas, mas tem poucos postos de saúde.

Na capital tem algumas indústrias: Acreplast, Coca-cola, Cila, Bolachas Miragina e algumas olarias.

Tem dois cinemas, muitos postos de gasolina, organizações não governamentais, organizações governamentais, padarias, muitos bares, muitos ônibus, mercados, kupixawa dos índios, palácio do bispo, hospitais, maternidades, colégios, motéis, uma universidade, museus, restaurantes, casa do índio, igrejas católicas, protestantes e do Santo Daime.

Rio Branco tem muitas polícias e muitos políticos, marginais, mulheres da rua cheias de doenças contagiosas, roubos, assaltos, muitas mortes...

É a cidade do estado que mais cresce. Por isso, é muito violenta. À noite fica muito bonita, toda iluminada.

Na capital, os professores e agentes de saúde indígenas recebem desde 1983 a sua formação, para se dedicarem aos seus trabalhos em suas comunidades.

Nesta capital, os brancos ainda não sabem o nome dos índios. Só sabem chamar os índios de "caboclo".

ACRE - RIO BRANCO



Prof. Raimundo Nonato Mana Kaxinawa

TODOS OS RIOS TÊM SEUS NOMES PRÓPRIOS

O Acre é um estado cortado por vários rios e igarapés. Grande parte de seus principais rios nascem em terras peruanas e fazem parte da grande Bacia Amazônica.

O Estado do Acre é formado pelas duas principais bacias hidrográficas que são: a Bacia do Juruá e a Bacia do Purus. Essas duas Bacias são formadas por vários rios, igarapés, lagos, igapós e olhos d'água.

Os principais rios que formam a Bacia do Juruá no Estado do Acre são: Mõa, Azul, Grajaú, Tejo, Amõnea, Liberdade, Gregório, Tarauacá, Jordão, Murú, Envira... Já a Bacia do Purus é formada pelos seus principais rios que são: Chandless, Caeté, Macauã, Iaco, Acre, Espalha, Rola...

Todos os rios têm os seus nomes próprios, que receberam dos primeiros moradores que são os índios, dos antigos viajantes que por eles passavam e dos seringueiros que aqui vieram trabalhar.

Os rios acreanos tiveram muita importância na ocupação econômica do tempo da borracha, pois os nordestinos, que saíam de suas terras, penetravam na Amazônia através de longas viagens pelos rios, e assim foram ocupando todo o território acreano. Os rios continuam sendo de grande importância para os povos indígenas e não indígenas, pois eles continuam sendo o principal meio de transporte desses povos. É através deles que chegamos aos municípios transportando nossas produções e levando mercadorias às nossas aldeias. Os rios, igarapés e la-

gos dão gratuitamente o sustento para os povos da floresta. Basta ter vontade de mariscar para ter peixe na comida. Além dos alimentos, os rios e igarapés nos dão água para banhar, para lavar a roupa, as panelas, o nosso corpo, além da água para beber. Hoje temos que ter mais cuidado com as águas dos rios, pois elas já estão contaminadas de doenças como hepatite, cólera e outras mais.

Devido às duas estações, inverno (época de chuva) e verão (época de seca), os rios do Acre também têm duas maneiras de ser. No tempo do inverno, época em que os rios estão cheios, só se deve viajar de barcos grandes. Também é quando os peixes dos lagos e igarapés têm condições de chegar e fazer as desovas nos sangradouros dos lagos. É tempo em que os rios ficam mais barrentos e sujos. Provocam quebradeira nos barrancos, onde derrubam muito pau e sacam as voltas, que já estão para sacar, que são as longas voltas que o rio dá.

Já na época do verão, é quando as águas abaixam e os rios secam, facilitando as desovas dos tracajás, que botam seus ovos nas praias dos rios. Ninguém consegue passar fome, porque se torna fácil pegar os peixes. Por outro lado torna-se difícil, porque ninguém consegue viajar em barcos grandes, a não ser de ubá.

Todas as águas dos rios correm para o mesmo lugar: é um rio que cai num rio, que corre para um outro rio, que cai no mar.

NO ACRE NÃO EXISTE SÓ UM TIPO DE RELEVO

No Acre, em cada lugar, tem um tipo diferente de relevo.

Em cada município existem lugares altos ou planos. A região de Cruzeiro do Sul é um lugar cheio de morros. Não tem lugar plano. Tudo é só morro, com ladeiras. Já no município de Tarauacá, tem só lugares planos ou planícies.

No Acre não existe só um tipo de relevo.

As florestas são altas e baixas, porque elas acompanham o relevo.

No Acre, não existem grandes montanhas. Aqui existe terra alta ou terra firme, terra baixa ou planície.

As terras altas ou terras firmes, se encontram no limite das águas, dos rios e igarapés, onde fica o divisor das águas. Além disso, nesses lugares de terras altas, existem muitas pedras, muitas jarras, muitas canelas de velhos, muitos cipoeiros, muitos espinhos de espera-aí, muitas árvores diferentes.

As terras baixas ou planícies se encontram nas beiras dos igarapés, lagos e perto das margens dos rios. As terras baixas estão localizadas nas margens dos rios, principalmente o Purus, Juruá, Tarauacá, Iaco, Envira, Gregório...

Em cada lugar dessas terras existe terra dura, terra arenosa, terra vermelha, terra preta, terra argilosa.

A terra firme é importante para se fazer roçado. Mas, na terra firme a gente não pode morar, porque recebe mais calor do sol do que na terra baixa.

A terra firme também nos ajuda porque a gente se comunica melhor à distância com outra pessoa que esteja em outra terra firme.

AS MERCADORIAS DO ESTADO SEMPRE SÃO CARAS PARA O CONSUMIDOR

No Acre existem apenas quatro meios de transporte: fluvial, aéreo, rodoviário e animal.

O transporte mais utilizado no Acre é o fluvial, usado por quase todos os grupos indígenas do estado e por quase toda a população da zona rural: seringueiros, ribeirinhos e colonos.

Esse transporte é feito através de canoa, barco, batelão, ubá, balsa...

Na época do verão, é uma dificuldade para a gente viajar para o município ou para aldeia, porque o rio fica muito seco e raso. Nessa época a gente viaja mais de barco pequeno, que nós também chamamos de ubá. Quando a gente desce o rio de barco, na volta tem que subir o rio varejando com vara. Quando viajamos de motor, existe a dificuldade de combustível, porque no município muitas vezes falta gasolina, óleo diesel e lubrificante. Quando tem combustível na cidade, nós temos que ter recurso para comprar e pagar sempre mais caro, porque o combustível é vendido no mercado negro, e o preço sempre sai mais alto.

Quando é inverno, devido às chuvas, os rios ficam cheios e se viaja mais rápido, facilitando muito o transporte.

Como o estado quase não tem rodovias, o transporte aéreo é muito utilizado pela população acreana para chegar na capital ou em outro município. Poucas pessoas têm condições de usar esse transporte, de comprar uma passagem ou fretar um avião, porque sai muito caro.

O transporte rodoviário é pouco utilizado pelo povo acreano, porque aqui quase não tem estradas, e quando tem, não são pavimentadas.

O ônibus só tem mais dificuldade na época chuvosa, e é mais complicado que o transporte fluvial, porque quando chove os ônibus não fazem as linhas. No inverno, quando o ônibus

atola nas estradas, a gente fica passando fome no meio da viagem, porque só desatola quando chega ajuda de trator.

E, por último, temos o transporte animal em que geralmente um boi puxa a carroça. Este transporte é ainda muito utilizado nos municípios do interior do Acre. No transporte animal temos o boi de carga que vai buscar a borracha nas colocações mais distantes para trazer até as margens dos seringais, ajudando muito os seringueiros.

Assim, aqui no Acre, todos os meios de transporte apresentam dificuldades: se não é o tempo, é o dinheiro que anda cada dia mais curto.

Como o governo não se interessa em arrumar as estradas, as mercadorias que chegam nos municípios e seringais são caríssimas.

Quem freta um caminhão ou avião, quer tirar no preço de venda todas as despesas que teve na viagem. Por isso muitos comerciantes compram dezenas de barcos grandes, como balsa de ferro, para transportar as mercadorias que compram em Manaus. Assim as mercadorias saem um pouco mais baratas. Mas os comerciantes, nos municípios, sempre têm lucro de mais de 1.000 % nas suas mercadorias.

O comércio na capital sempre é mais barato que nos municípios. E o comércio na fronteira da Bolívia ainda é mais barato.

As mercadorias do estado sempre são caras para o consumidor. Tudo isso mostra a dificuldade de transporte nesse estado em que vivemos miseravelmente, sem conseguir resolver esse problema.

Agora, imaginem como vivem as comunidades indígenas que não têm condições de comprar barcos grandes, caminhão ou de fretar avião!

SABEMOS QUE OS ANIMAIS CORREM RISCO DE EXTINÇÃO

Nas matas acreanas vivem muitas espécies de animais diferentes. Tem animais que andam de baixo da mata como porco, veado, cutia, jabuti... Tem os animais que andam trepados nas árvores da floresta como macaco prego, macaco preto, macaco cairara, macaco de cheiro e mais outros tipos de macacos.

Também existem animais aquáticos como mandim, curimatã, jundiá, piaú, puraqué, arraia, tracajá...

O Acre já foi uma terra que teve muita caça e peixe em todos os seus rios.

Os caçadores índios mais velhos falam que quando existia pouca gente, as caças eram mortas nas biqueiras das casas e colocações.

Com o tempo passando, as carnes e peles das caças foram sendo comercializadas através dos "carius", caçadores da floresta, e com o incentivo dos "patrões"

A caça e pesca foram e ainda são a fonte de renda dos grandes caçadores e pescadores da região. Desta forma, a caça e a pesca têm sido muito perseguidas com espingardas, com cachorros, com chiqueiros de armadilha...

Os peixes também foram e são perseguidos com vários materiais: tarrafa, anzol, malhadeira, caçoeira, rede, tingui, espínhel...

Sabemos que os animais correm risco de extinção, devido aos pescadores e caçadores, que caçam bastante na floresta; e também devido à destruição das florestas.

Os marreteiros sobem para os seringais e matam muitos tipos de animais: veado, porco, anta, jabuti. Esses são os animais mais procurados. Esse tipo de pessoa mata os animais, mas não é

para a sua sobrevivência. É mais para comercializá-los na cidade para a população urbana.

Tem "cariu" pescador que pega peixe para vender na cidade. Tem "cariu" que caça os animais do mato para comercializar na cidade, para ganhar dinheiro.

Já os índios quase nunca comercializam a carne dos animais da floresta. Eles só matam para o seu próprio consumo, junto com sua família. Os índios nunca pegam peixe para vender como o "cariu"!

Já os "carius" dizem que têm liberdade de pescar muitos peixes, porque possuem a carteira de pescador cedida pelo órgão do governo que é o IBAMA.

Mas deixo isso bem claro, existem animais misteriosos na mata. Um deles é o capelão que canta para o ensinamento do povo, dizendo que já estamos acabando.

Enquanto o número de pessoas aumenta em todo território do Acre, a caça vai diminuindo, pois os povos da floresta utilizam a caça e pesca como principal meio de sobrevivência.

A caça e os peixes vão diminuindo a cada momento.

Mesmo com as grandes autoridades e com as leis de proteção ambiental, os animais e os peixes continuam sendo mortos violentamente, sem impedimento algum.

Nós índios, preservamos nossas Terras Indígenas, nossos rios, nossos lagos, nossos igarapés, para que os caçadores e pescadores não invadam para acabar com os peixes e caças.

Nós sabemos preservar a natureza e dentro de nossas terras é proibido a caça e a pesca para comercialização.

A POLÍTICA DO GOVERNO BRASILEIRO PARA OS POVOS EXTRATIVISTAS DA AMÂZONIA É QUASE INEXISTENTE

O Acre tem grande parte de seu território coberto pelas florestas tropicais. É um grande produtor de florestas. Seus produtos são extraídos pelos povos da floresta: índios e não índios.

O Acre é um dos principais estados brasileiros que tem uma economia baseada no extrativismo vegetal: castanha, óleo de copaíba, cipó para tecelagem, daime, sementes de árvores, madeira de lei, açai, patoá...

Um outro exemplo de produção extrativista são as plantas medicinais para a cura das doenças, porque sabemos que, a cada momento, aparecem muitos tipos de doenças, atualmente incuráveis.

O primeiro produto da floresta que começou a ser comercializado no Acre foi a borracha.

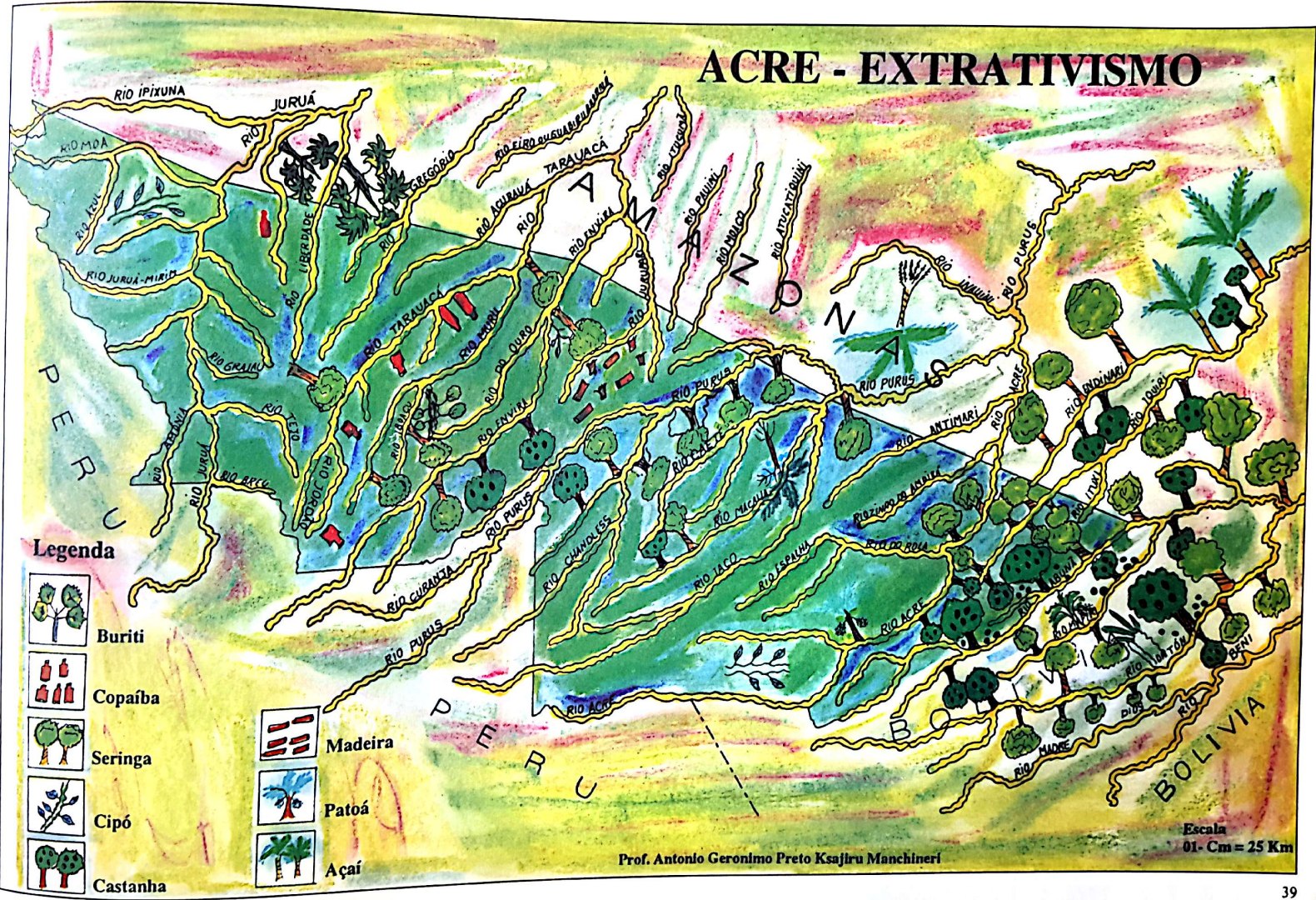
Quase tudo que se extrai da floresta é transformado em outros produtos industrializados.

Infelizmente, a política do governo brasileiro para os povos extrativistas da Amazônia é quase inexistente.

Temos uma grande riqueza nas nossas matas, mas não podemos manejá-las por falta de uma política governamental voltada para a exploração racional da floresta, sem que haja uma destruição do meio ambiente

Muitos produtos ainda se mantêm guardados na floresta, na espera de novas tecnologias.

ACRE - EXTRATIVISMO



- Legenda**
-  Buriti
 -  Copaíba
 -  Seringa
 -  Cipó
 -  Castanha
 -  Madeira
 -  Patoá
 -  Açaí

Prof. Antonio Geronimo Preto Ksajiru Manchineri

Escala 01- Cm = 25 Km

OS ÍNDIOS TÊM O TEMPO CERTO DE PLANTAR CADA LEGUME

Chama-se agricultura de subsistência tudo o que nós plantamos somente para ser consumido junto com a nossa família, sem ter nenhuma idéia de comercialização.

Os índios e não índios, todos os moradores da floresta acreana, utilizam a agricultura de subsistência para sobreviver.

Nós indígenas da floresta e os não indígenas, como os ribeirinhos, seringueiros, castanheiros, plantamos arroz, feijão, mamão, melancia, abóbora e outros legumes.

Para produzir o nosso alimento, fazemos os roçados na mata na época de verão. A colheita vai ser no inverno. Utilizamos também as praias dos rios, onde a colheita se dá no verão .

Os índios têm o tempo certo de plantar cada legume. Os Kaxinawá, por exemplo, plantam o amendoim em duas épocas do ano: em novembro e dezembro plantam no roçado de terra firme, e nos meses de maio e junho plantam na praia. No mês de maio são plantados a melancia, o feijão, o gerimum, na mesma praia em que se planta o amendoim.

Os roçados indígenas são consorciados, porque são plantadas juntas várias espécies de legumes: macaxeira, milho, feijão, batata-doce, gerimum, inhame, abacaxi, mamão, taioba, banana, urucum, algodão, cana, tingui...

Já no terreiro da casa, plantamos laranja, abacate, limão, lima, café, maracujá, cuia, côco da Bahia, ingá...

Todos esses alimentos são utilizados para nossa sobrevivência e nos dão saúde, força e energia.

ENQUANTO AS PLANTAS VÃO CRESCENDO, O HOMEM VAI CALCULANDO QUANTO VAI GANHAR

A agricultura comercial é produzida, normalmente, na zona rural, e é mais vendida nos mercados das cidades. Vende-se para outros municípios, estados e países.

Por exemplo, aqui na região do Acre são produzidos: feijão, arroz, milho, macaxeira, batata-doce, acerola, jaca, mamão, laranja, maracujá, melancia, banana, cupuaçu, pupunha, limão, abacate, abóbora, café, urucum, pimenta-do-reino, abacaxi, cacau, pepino, cebola, cenoura, couve, alho, repolho, algodão, etc.

Esses são os produtos agrícolas comercializados pela população do Acre. Eles são mais produzidos pelos brancos, porém algumas comunidades indígenas já estão produzindo agricultura comercial para melhorar seus sistemas de vida.

Para obter esses vários produtos, o homem mede o terreno para plantar. Quando planta, já vai pensando quanto vai ganhar em dinheiro. Enquanto as plantas vão crescendo, o homem vai calculando. Quando chega a época da colheita, ele colhe, leva para o mercado, vende e com o dinheiro traz mercadorias para casa.

**Benjamim Shere Katukina
Joaquim Maná Kaxinawá**

A TERRA ESTÁ FICANDO FRACA, O CLIMA ESTÁ SEMPRE MUDANDO

Na década de 70, começaram a chegar os grandes fazendeiros pecuaristas nas terras acreanas. Nessa época, começou a força da pecuária do estado.

O governo incentivava os pecuaristas, por meio de projetos econômicos financiados pelos bancos do Estado do Acre, do Amazonas e do Brasil, para transformar o Acre em grandes fazendas.

Esses fazendeiros vinham do centro-sul do Brasil e eram conhecidos por "paulistas".

O gado vinha da Bolívia e de outras partes do Brasil. Traziam o gado nas grandes embarcações que eram chamadas de "bandeirantes", um navio bem grande. Traziam as boiadas pelas estradas.

Os boiadeiros caminhavam vários dias pelas estradas trazendo a boiada, montados em animais chamados de "cavalos".

Com a chegada desses fazendeiros, houve invasões das propriedades dos seringueiros e dos índios. A consequência disso foram os conflitos entre seringueiros e fazendeiros, índios e fazendeiros. Houve várias mortes de líderes dos sindicatos, como o assassinato de Chico Mendes pelo fazendeiro Darli, no município de Xapuri.

Quando os paulistas aqui chegaram, tinham o poder do dinheiro e não respeitavam os povos da floresta. Sendo assim, essa gente foi sendo expulsa de suas próprias terras.

Os latifundiários foram ocupando uma série de lugares, como as beiras dos rios e as beiras das estradas.

Grande parte dos seringueiros, castanheiros, pequenos agri-

cultores e ribeirinhos foram obrigados a sair de suas terras para viver nas favelas da cidade de Rio Branco, morrendo de fome e sem condições de sobreviver, sem esperança de encontrar uma vida melhor.

Outra grande parte de seringueiros, índios, castanheiros, ribeirinhos e do pequeno produtor rural, que eram os donos das terras, passaram a ser mão de obra barata nas fazendas.

Os índios foram os que mais resistiram e continuaram defendendo a sua permanência dentro de seus territórios tradicionais.

Por mais que tenha ocorrido conflito e morte, os paulistas não conseguiram expulsar os índios de suas terras.

O que aconteceu e vem acontecendo é que a floresta tropical é derrubada e queimada. Estão acabando com a floresta, com os animais da mata. Derrubaram e derrubam as castanheiras e as seringueiras, árvores que deram tanto sustento para o homem da floresta. A floresta vira cinza, e depois plantam sementes de capim que tem vários nomes: braquiária, brizantão, coloião... E depois chega o boi para comer o capim.

Por causa dos grandes fazendeiros, a floresta está acabando, os igarapés estão secando, as caças estão sumindo, a terra está ficando fraca, o clima está sempre mudando.

A pecuária está prejudicando a nossa natureza, que dá força e energia ao povo que nela vem morando há muitos anos.

Hoje em dia, por todos os lados, tem fazendas. Daqui a algum tempo, não vai sobrar uma árvore para contar a história da maior e mais bonita floresta do planeta Terra.

A AMAZÔNIA TEM A MAIOR FLORESTA DO MUNDO

A Amazônia tem a maior floresta do mundo que engloba parte de outros países: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. Além disto, se estende por toda a região norte do Brasil e o norte do Mato Grosso.

A região amazônica é formada pela floresta tropical, onde a linha do Equador passa cortando ela toda. Por isso é que o Acre tem um clima quente.

As características da floresta tropical são: clima quente e úmido, árvores altas, diferentes espécies de animais e insetos e uma rica variedade de espécies vegetais. Dentro da floresta amazônica fica o Acre. O Acre é formado por duas bacias hidrográficas: Bacia do Rio Juruá e Bacia do Rio Purus. Os rios principais que jogam suas águas no Rio Juruá são: Envira,

Tarauacá, Murú, Gregório... Já os principais afluentes do Rio Purus são: Acre, Iaco, Macauã, Clandless...

Nesses rios, que fazem parte das duas bacias hidrográficas do Acre, moram 14 nações indígenas diferentes, que usam línguas diferentes, pertencentes a três famílias lingüísticas: Aruak, Arawa e Pano.

Esses povos moram dentro da floresta amazônica usando suas tradições e culturas, tomando sua bebida que é o cipó, vendo tudo que está acontecendo na floresta, que é a destruição feita pelos madeireiros.

Com toda essa destruição, os povos indígenas estão ficando com medo, por causa da terra deles. Desse jeito, daqui a uns vinte anos não vai mais existir floresta.

O Acre é mais um estado da Amazônia que vai sendo destruído pelos madeireiros.

Benjamim Shere Katukina

MUDANDO DE RUMO A DESTRUIÇÃO DA FLORESTA

O Acre é um estado que pode mudar o rumo da destruição da floresta. Porque agora estão chegando por aqui muitas informações dadas pelos ecologistas brasileiros e de outros países estrangeiros preocupados com a floresta tropical.

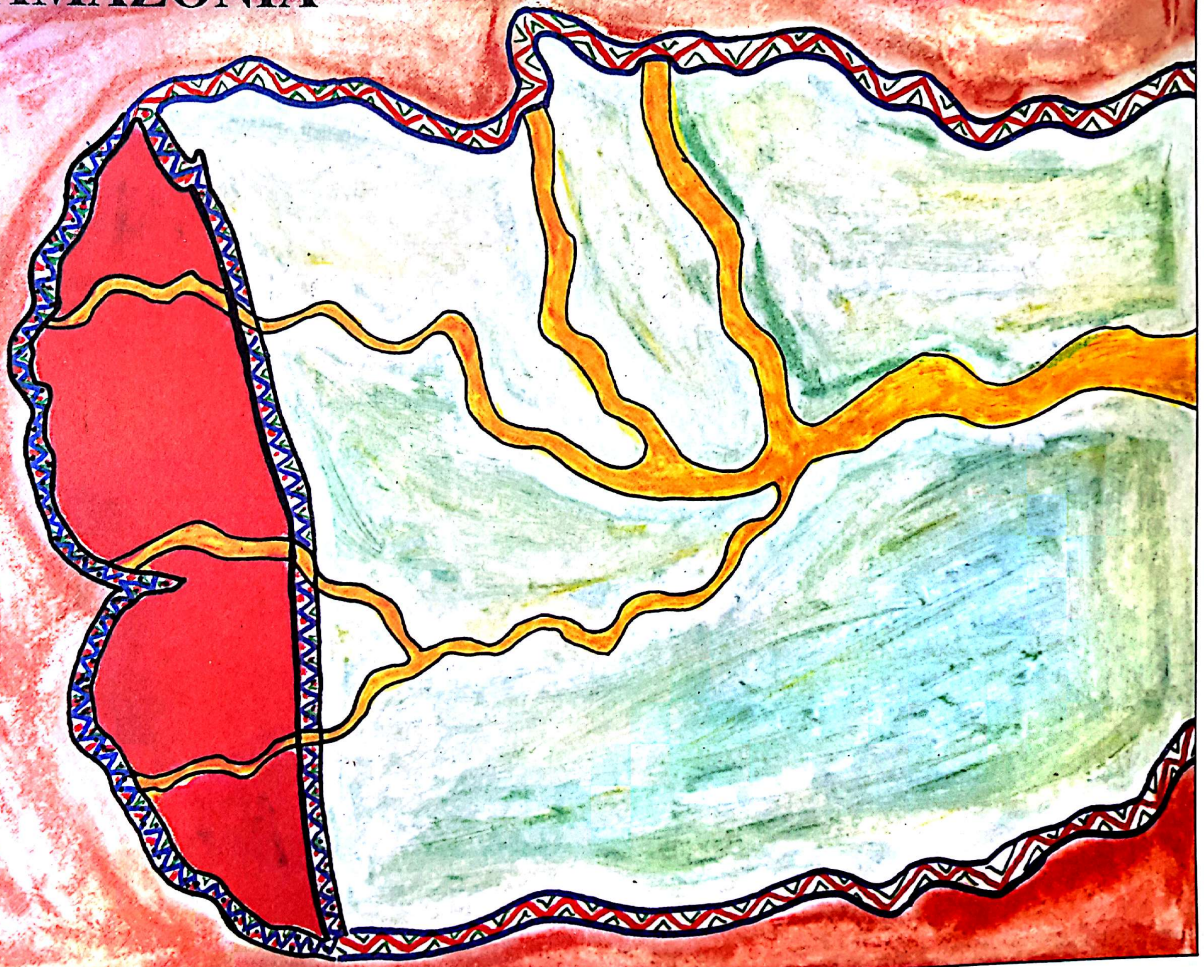
Apesar da destruição já ser muito grande, o Acre é uma região que tem mais floresta do que campo, e onde os lugares desmatados podem ser reflorestados novamente.

Mas, para esse sonho acontecer, o povo deve entender que, para viver hoje e no futuro, tem de parar a destruição das florestas, dos mares, dos rios, do ar...

Lembrem-se de que nós, indígenas, donos desta terra, distribuídos no Acre pelas Bacias do Juruá e Purus, precisamos da floresta mais do que os brancos.

Isaac Piãko Ashenika

ACRE NA AMAZÔNIA



Prof. Benjamim André Shere Katukina

PENSANDO JUNTOS O DESTINO DO ACRE NA AMAZÔNIA

A região amazônica é formada pela floresta tropical mais rica do mundo. Seu clima é quente e úmido, tem vários animais e muita água.

O Acre é formado por duas principais bacias hidrográficas que são a Bacia do Purus e a Bacia do Juruá. Essas duas bacias fazem parte da Bacia Amazônica.

Agora, o Acre e a Amazônia toda estão enfrentando a destruição dos madeireiros.

Os brancos chegaram aqui por causa da borracha. Como hoje em dia a borracha não tem mais valor, estão querendo mais a extração da madeira e a exploração da terra. Eles não se importam nem com a natureza e nem com a ecologia. Querem acabar com a floresta, com os animais, deixando só fazendas e gado.

Há muito tempo atrás, nós índios da floresta do Acre e de toda a Amazônia somente usávamos machado de pedra para derrubar algumas árvores. Depois do contato com o "nawa", surgiu o machado e

a roladeira de ferro. Mesmo assim, nessa época a floresta não foi tão destruída e nem as madeiras de leis foram comercializadas.

Hoje em dia, existem muitas moto-serras para facilitar mais a destruição das árvores. Com esta ferramenta, são derrubadas por dia uma quantidade muito grande de árvores. Tão grande que não dá nem para imaginar.

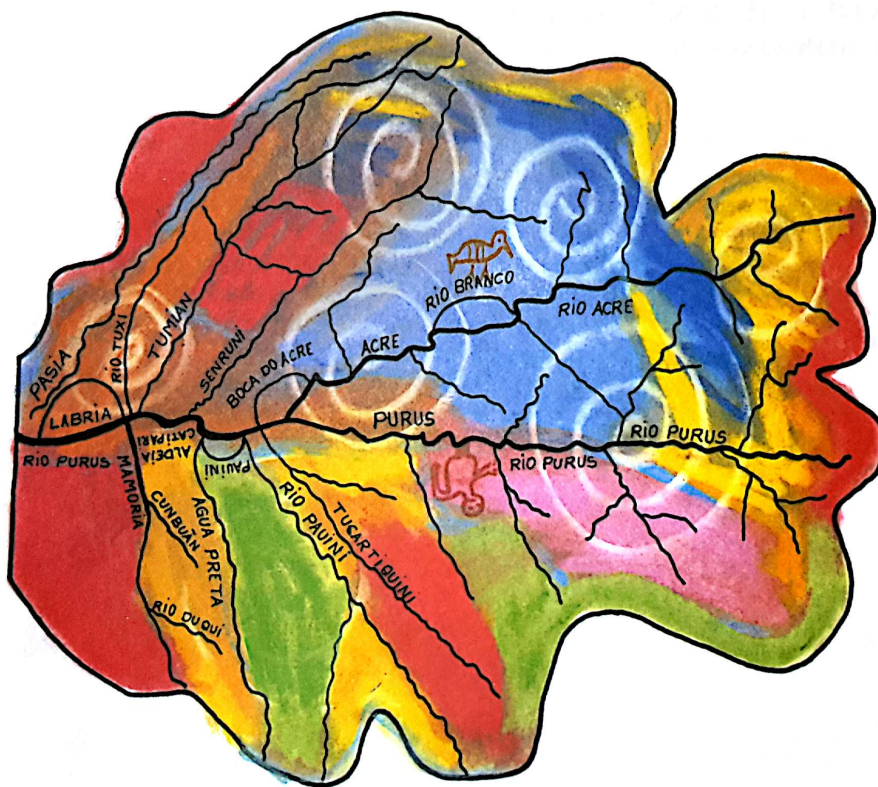
O Acre é onde habitam índios, ribeirinhos e seringueiros. Na sua floresta nativa não tem falta de alimentação. É como uma planta plantada numa terra boa, generosa, que produz frutas boas para a sobrevivência dos homens e dos animais.

Conseguimos durante muitos anos preservar a floresta para os homens de bom coração. Mas agora estamos vivendo uma outra época. A época da ganância e da destruição!

O Acre é também um lugar onde queremos poder pensar, junto com o governo e a sociedade, para preservarmos as nossas florestas e culturas.

Edson Ixã Kaxinawá

ACRE NA AMAZÔNIA



Prof. Antonio Olavo Eukutxy Apurina

A LÍNGUA OFICIAL DESSE PAÍS É O PORTUGUÊS, PORÉM TEMOS MAIS DE 180 LÍNGUAS INDÍGENAS

O Acre está localizado na Região Norte do Brasil e tem limites com dois estados, Amazonas e Rondônia, e com dois países, Peru e Bolívia. Várias cabeceiras dos principais rios que fazem parte da Bacia Amazônica não estão localizadas nas terras acreanas. O Acre é um dos 26 estados desse país brasileiro, aonde existem aproximadamente 150 milhões de habitantes multiétnicos.

O Brasil tem uma população de aproximadamente 300 mil índios e conta com 206 nações indígenas que estão retomando os seus territórios e suas culturas tradicionais.

Temos mais de 180 línguas indígenas, e a língua oficial do país é o português.

O Acre tem grande parte de seu território coberto

pela floresta tropical e seu clima é quente e úmido.

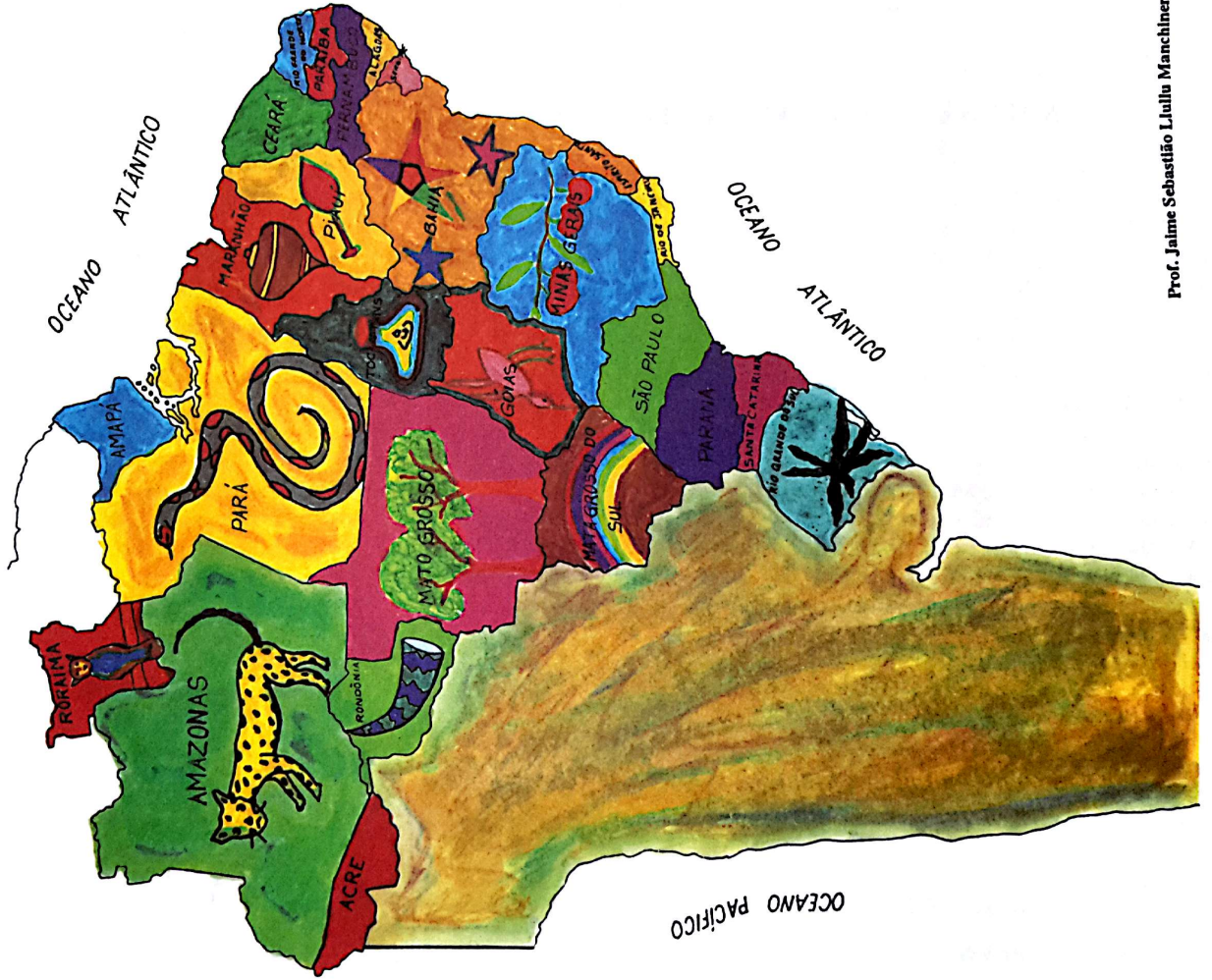
Foi o estado que produziu mais borracha e de onde foram retiradas as sementes das seringueiras para outros estados e países. Isto deixou os seringueiros em uma situação difícil, quando os outros países começaram a produzir mais borracha e mais barata que o Estado do Acre e o Brasil.

No Acre e no Brasil, há muitos êxodos rurais em busca de melhores condições de vida. Mas, geralmente essas pessoas acabam se complicando com suas vidas, pois acabam sem casa para morar, sem terra para plantar.

No Acre e no Brasil existem muitas nações, línguas e culturas que irão ficar cada vez mais organizadas através de suas próprias entidades.

Joaquim Maná Kaxinawá

ACRE NO BRASIL



AQUI HÁ POUCA JUSTIÇA E MÁ DISTRIBUIÇÃO DA RENDA

Nós, índios, vivemos nas aldeias localizadas nas matas. Trabalhamos na agricultura e na extração da seringa. Até que há anos atrás, caiu o preço da borracha, e hoje ela não vale mais nada.

Alguns índios das aldeias passaram a trabalhar como professores, num pedaço de terra do Brasil que recebe o nome de Acre.

Esses professores índios e os não índios recebem um salário muito baixo. O trabalho dos professores é pago pelo governo do estado.

Por que será que o governo está pagando os funcionários com salários tão baixos?

Por que ele está achando que o estado está com pouco dinheiro?

Eu acho que não! O país brasileiro está com grandes riquezas: ouro, petróleo, indústrias, fazendas, etc.

Os brasileiros ricos não têm pena dos outros que não ganham salários.

Por isso que o Brasil tem muitos meninos de rua que vivem pedindo ajuda, e muita gente vivendo sem terra, sem comida, sem nada.

Será que o governo brasileiro não vai pensar igual a outros países do mundo, para que seu povo não viva sem terra?

O Brasil é considerado país de Terceiro Mundo, pois a maior parte dos brasileiros vivem na miséria.

Aqui há pouca justiça e má distribuição da renda.

Será que nos outros países do mundo há tanta injustiça, ou neles a distribuição da renda é mais justa?

Eu acho que em outros países, o nível de vida e a justiça são mais elevados do que no Brasil: todos devem viver numa média e deve ter menos miséria.

Benjamim Shere Katukina

ACRE NO BRASIL



Prof. José Mateus Itsairu Kaxinawa

NA AMÉRICA DO SUL TEM MUITA BELEZA

O Acre é um estado como coração de mãe:
mora dentro dele enorme população.

Ele não é quente e nem frio. É normal.
A cultura dos índios é o mariri.
Já a dos brancos é o carnaval.

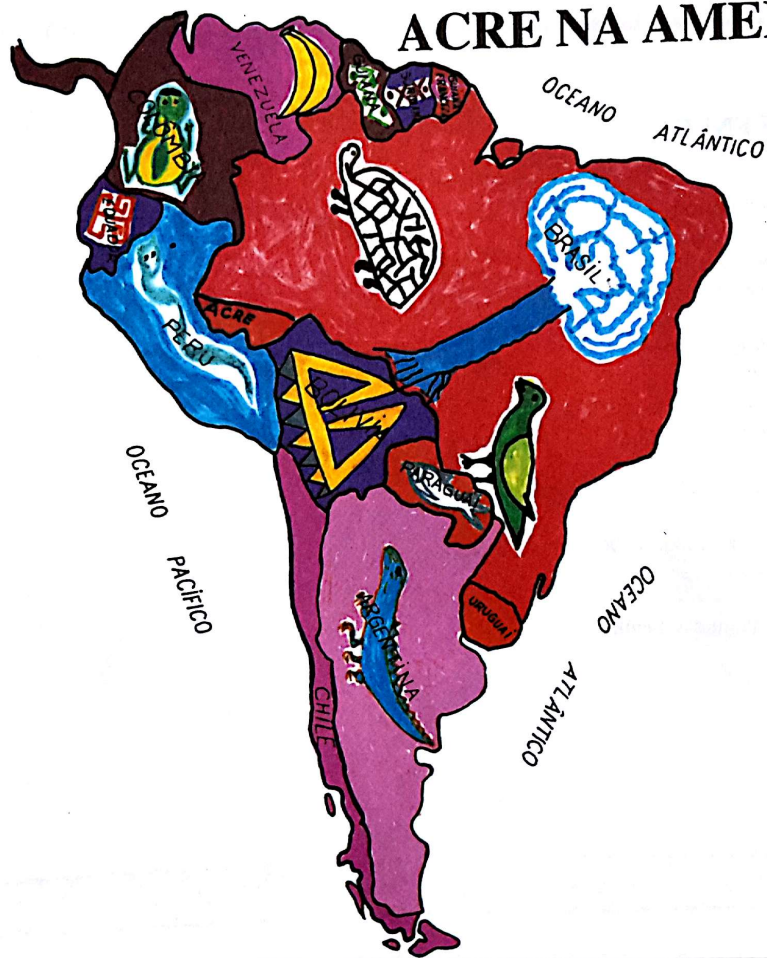
No Acre tem muitos rios, florestas e animais.
Os que não sabem ler e escrever,
Podem um dia se dar mal.

Na América do Sul tem muita beleza
No Acre também tem muita tristeza.
É carístia, é violência.
Desse jeito vou à falência.

Viajei do Acre num barco
Era da casca do cumaru.
Fui conhecer outros países
Do continente da América do Sul.

Adalberto Muru Domingos Kaxinawá

ACRE NA AMÉRICA DO SUL



Prof. Paulo Lopes Siã Kaxinawa

TERRA E ENERGIA

O Acre tem floresta
Muita terra e energia
Disso que precisamos
Para viver com harmonia

Quando se fala no Acre
Fala-se do coração da terra
O povo que vive no mundo
Recebe uma força dela.

Falei um pouco do Acre
Que fica na América do Sul
Mas também quero lembrar
Do povo que vive nela nu.

Isaac Toto Pianko Ashenika



ACRE NA AMÉRICA DO SUL

Prof. Josimar Tui Kaxinawa

PROCURANDO NOVAS ALTERNATIVAS ECÔNOMICAS

O Acre é um dos estados brasileiros localizados na Região Norte do Brasil e está situado no Continente Americano.

É um pedaço de terra que já pertenceu à Bolívia, mas, através de uma guerra no início deste século, passou para o domínio brasileiro.

Ele faz fronteira com dois países, Bolívia e Peru, e com dois estados brasileiros, Amazonas e Rondônia.

O Acre fica próximo da linha do equador. Seu clima é quente e úmido.

Nesta terra existem duas estações do ano: inverno, época de muita chuva, e verão, época de muito pouca chuva. E ainda tem muitos animais e muitas florestas.

A grande maioria de seus principais rios como o Juruá, Purus, Tarauacá, Chandless, Iaco, nascem no Peru e fazem parte da grande Bacia Amazônica.

O Acre é um pedaço da América do Sul onde

os rios e igarapés não estão poluídos.

A maior parte da sua população trabalha na agricultura ou no extrativismo.

Esta população vem procurando novas alternativas econômicas para o seu próprio desenvolvimento.

O Acre é o coração da América e guarda ainda muitos segredos. É lugar encantado, devido a sua floresta tropical.

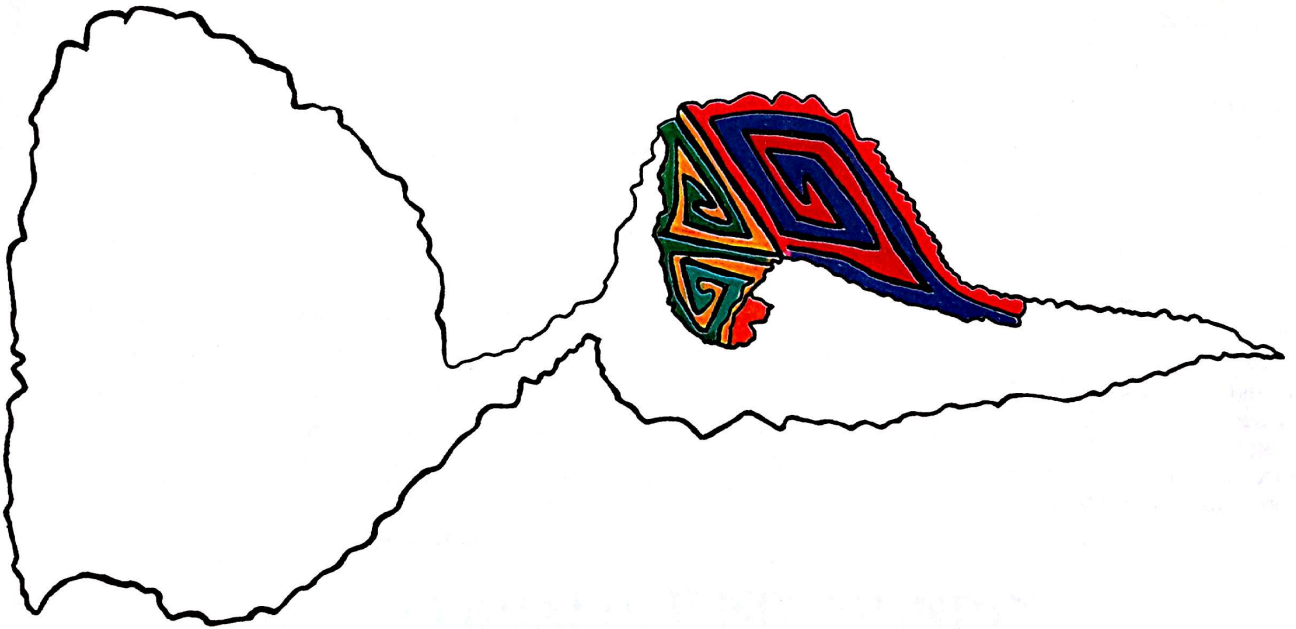
Aqui quase não tem indústrias, e isso ajuda a não matar os espíritos próprios desta terra e a manter suas crenças.

É um estado formado por 14 nações indígenas, cada qual com sua língua, organização e costumes diferentes.

A língua oficial do Acre é o português, porém são faladas 14 línguas indígenas que fazem parte das famílias Aruak, Arawa e Pano.

O Acre é o Acre: não tem outro Acre no mundo.

ACRE NA AMÉRICA



EXISTE UMA DISCRIMINAÇÃO MUITO GRANDE

O Acre é um estado brasileiro que fica na Região Norte do Brasil. É um estado que está com menos de um século, mas daqui já saiu muita borracha para todos os continentes do mundo.

No Acre, está começando a interação entre as sociedades indígenas e a sociedade não indígena, através da formação dos professores e agentes de saúde índios. Antes só havia integração cultural.

No Acre e em todos os 26 estados do Brasil, o movimento social ajuda a maioria da população que sobrevive com dificuldade.

Há milhares de pessoas que se apossam de muitas terras e de indústrias oficiais.

E há milhões de pessoas que não têm condições financeiras, econômicas de sobreviver.

Então o Brasil é muito mal organizado. Não dá para acreditar no que acontece com a população que vive por aqui. Quem trabalha muito, ganha

pouco. Quem trabalha pouco, ganha muito e é reconhecido como o mais famoso. O pobre fica mais pobre e o rico fica mais rico.

Então existe uma discriminação muito grande!

Será que no mundo, em todos os continentes, nos 192 países, também existe esse tipo de discriminação, a má distribuição da renda, como acontece no Brasil?

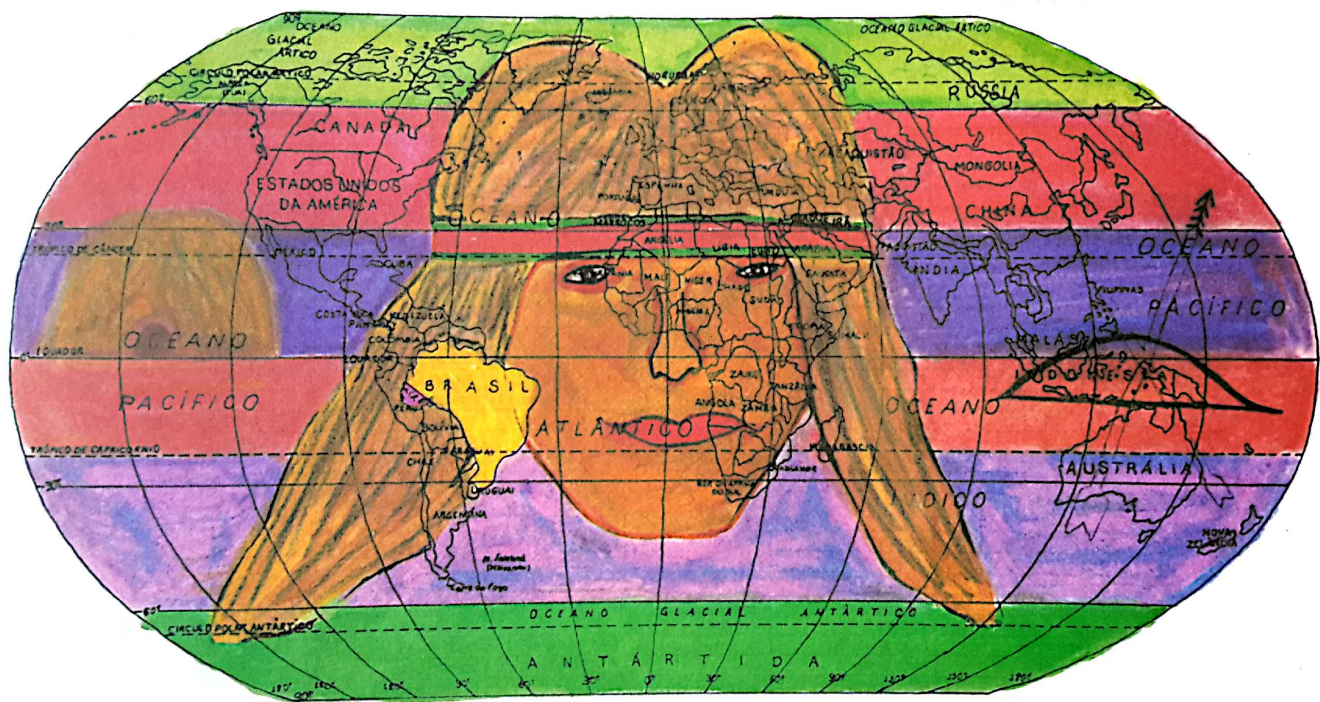
A Constituição brasileira diz que perante a lei somos todos iguais. Mas isso não funciona de maneira alguma. Só para as classes altas que fazem e mantêm essa lei.

O Acre é um dos 26 estados brasileiros. O Brasil é um dos maiores países do mundo e fica na América do Sul.

A América do Sul é uma das partes do Continente Americano.

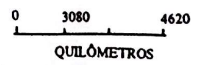
O Continente Americano é um dos seis continentes que existem no mundo mágico, onde tem natureza, cultura, matéria, espírito, floresta e humanidade.

Joaquim Mana Kaxinawá



ACRE NO BRASIL E NO MUNDO

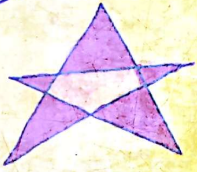
ESCALA



SITUAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS DO ESTADO DO ACRE

TERRA INDÍGENA	MUNICÍPIO	POVO	POPULAÇÃO	SIT. JURÍDICA	EXTENSÃO
Alto Rio Purus	Santa Rosa	Kaxinawa Kulina Jamináwa	618 388 200 (CPI:94)	Regularizada	263.198
Cabeceira do Rio Acre	Assis Brasil	Jamináwa	123 (CPI:94)	Delimitada	76.680
Mamoadate	Sena Madureira	Manchineri Jamináwa	332 75 (CPI:94)	Regularizada	313.647
Kampa do Rio Envira	Feijó	Ashaninka	198 (CPI:94)	Delimitada	247.200
Katukina/Kaxinawá	Feijó	Katukina Kaxinawá	239 337 (CPI:94)	Regularizada	23.474
Kaxinawá de Nova Olinda	Feijó	Kaxinawá	150	Regularizada	27.533
Kaxinawá do Rio Humaitá	Feijó	Kaxinawá	217 (CPI:94)	Regularizada	127.383
Kulina do Igarapé do Pau	Feijó	Kulina	159 (CPI:94)	Delimitada	44.050
Kulina do Rio Envira	Feijó	Kulina	245 (FUNAI:94)	Regularizada	84.365
Xinane	Feijó	Isolados	sem dados	Interditada	175.000
Alto Tarauacá	Tarauacá	Isolados	sem dados	Interditada	52.000
Campinas	Tarauacá	Katukina	123 (Lima94)	Regularizada	32.624
Igarapé do Caucho	Tarauacá	Kaxinawá	356 (UNI:94)	Regularizada	12.318
Colônia 27	Tarauacá	Kaxinawá	57 (UNI: 94)	Regularizada	105
Rio Gregório	Tarauacá	Yawanawá Katukina	270 160 (OAYERG:94)	Regularizada	92.859
Kaxinawá da Praia do Carapanã	Tarauacá	Kaxinawá	196 (FUNAI:94)	Identificada	61.307
Kampa do Igarapé Primavera	Tarauacá	Ashaninka	21 (FUNAI:94)	Identificada	
Kaxinawá do Rio Jordão	Jordão	Kaxinawá	1.200 (ASKARJ:94)	Regularizada	87.293
Kaxinawá do Baixo Rio Jordão	Jordão	Kaxinawá		Identificada	7.700
Kaxinawá do Seringal Independência	Jordão	Kaxinawá		Identificada	14.750
Jamináwa do Igarapé Preto	Cruzeiro do Sul	Jamináwa	90 (FUNAI:87)	Delimitada	26.000
Arara do Igarapé Humaitá	Porto Valter	Arara	150 (FUNAI:94)	Identificada	27.000
Kampa do Rio Amônia	Mal. Taumaturgo	Ashaninka	300	Regularizada	87.205
Kaxinawá/Ashaninka do Rio Breu	Mal. Taumaturgo	Kaxinawá Ashaninka	256 94 (doc IId:94)	Identificada	23.840
Jamináwa-Arara	Mal. Taumaturgo	Jamináwa- Arara	150 (FUNAI: 85)	Delimitada	28.650
Nukini	Mâncio Lima	Nukini	400 (FUNAI:94)	Regularizada	27.264
Poyanawa	Mâncio Lima	Poyanawa	385 (CPI: 94)	Delimitada	20.081

Quadro: Setor de Educação da Comissão Pró-Índio do Acre, maio/1996.



M E C

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E DO DESPORTO

TERRA E ÁGUA

APOIO:
• PNUD
• PROJETO NORDESTE